



REPRESENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO ABERTA NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS

Adriano Chiarani da Silva¹

Edgar Roberto Kirchof²

RESUMO

No presente artigo, apresentam-se os resultados de uma análise do grupo REA (Recursos Educacionais Abertos) no Facebook quanto ao modo como este grupo produz representações da educação aberta. A concepção teórica adota os estudos que aproximam o campo dos Estudos Culturais e a Educação. Nessa perspectiva, parte-se do pressuposto de que as redes sociais na Internet, tais como o Facebook, vão além de sua função comunicativa, pois também possuem uma dimensão cultural pedagógica, a partir da qual são produzidas representações que interpelam os usuários a se identificarem com certas posições de sujeito. A metodologia empregada baseia-se em pesquisa bibliográfica, de um lado, e na análise de postagens que se encontram no grupo REA no Facebook, de outro. Foram analisadas postagens disponibilizadas no período de março, abril e maio de 2015. Uma das principais conclusões a que as análises permitem chegar é que a educação aberta é representada, nesse grupo, como democrática, gratuita, livre e transformadora. Além disso, também foi possível concluir que o grupo REA no Facebook atua como uma pedagogia cultural que interpela seus membros à resistência contra a comodificação de recursos educacionais no ciberespaço.

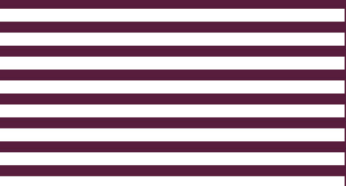
Palavras-chave: Educação Aberta. Recursos educacionais abertos. Facebook. Pedagogias culturais. Representação.

ABSTRACT

In this article, we analyze the main representations of open education that are conveyed by the OER group (Open Educational Resources) on Facebook. The theoretical framework of this work draws on studies that bring the field of Cultural Studies and Education together. From this perspective, we infer that social networking sites such as the Facebook have an implicit pedagogical dimension. Therefore they produce representations that compel users to identify with certain subject positions, teaching

¹ Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil; Especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Luterana do Brasil; Graduado em Teologia Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Luterana do Brasil; Graduado em Teologia Bacharelado pelo Seminário Concórdia. Atualmente é Reitor do CEULP/ULBRA Palmas – Tocantins. E-mail: adriano444@hotmail.com

² Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; pós-doutor em Biossemiótica na Universidade de Kassel (Alemanha); Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; graduado em Letras (Português/Alemão) pela mesma universidade e em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Atualmente é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) e professor adjunto da Universidade Luterana do Brasil atuando como docente e pesquisador no PPGDU e no Curso de Letras. E-mail: ekirchof@pq.cnpq.br



cultural lessons about several issues. We based our methodology on bibliographic research on the one hand, and on the analysis of available posts from the OER Facebook group on the other hand. We restricted the analyses to materials that were posted from March, April and May 2015. One of the main conclusions of the analysis is that this group represents open education as democratic, free and transformative. Moreover, it was also possible to conclude that the OER Facebook group acts as a cultural pedagogy that challenges its members to the resistance against the commodification of educational resources in cyberspace.

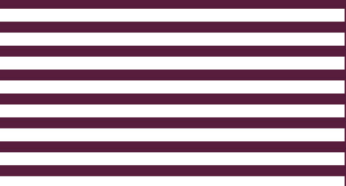
Keywords: Open Education. Open Educational Resources. Facebook. Cultural Pedagogy. Representation.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é analisar as principais representações da Educação Aberta presentes no grupo REA (Recursos Educacionais Abertos) do Facebook. A metodologia empregada baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, de um lado, e na análise de postagens que se encontram no grupo REA no Facebook (<https://www.facebook.com/groups/reabrasil/?fref=ts>), de outro. As análises realizadas inserem-se no contexto dos Estudos Culturais e Educação e estão baseadas no pressuposto de que, juntamente com outros espaços contemporâneos, as redes sociais na Internet têm produzido representações e discursos que circulam e operam como pedagogias culturais. O principal embasamento teórico das análises é buscado nas reflexões de autores vinculados aos Estudos Culturais e à Educação, tais como Stuart Hall; Hugh Mackay; Shirley Steinberg; Catherine Driscoll, Greg Noble e Megan Watkins; Maria Lúcia Wortmann, Marisa Vorraber Costa; Viviane Comazatto e outros.

As postagens utilizadas no presente artigo foram publicadas em fevereiro, março e abril de 2015. É necessário deixar claro que o Facebook está sendo utilizado, por esse grupo, predominantemente enquanto uma mídia destinada a divulgar o movimento em prol dos recursos educacionais abertos: um meio para angariar possíveis adeptos através das redes que essa mídia possibilita criar. Esse intuito fica evidente quando se observa que a maior parte das postagens é caracterizada por convites para que o usuário participe de palestras e eventos alinhados com os objetivos e práticas do movimento, sendo que textos completos, imagens ou mesmo debates entre os membros do grupo estão presentes em número muito menor. Por essa razão, também serão analisados alguns materiais disponibilizados através dos links.

Com base na perspectiva das pedagogias culturais, as análises aqui apresentadas procurarão demonstrar que, embora não seja essa sua intenção explícita, o grupo REA no Facebook não apenas divulga, mas também coloca em evidência certas representações sobre a Educação Aberta, as quais atuam pedagogicamente sobre os usuários do Facebook, ensinando-lhes, mesmo que indiretamente, o que é a educação aberta e o que sujeitos comprometidos com seus ideais devem realizar.



2 RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS

A obra *Open Educational Resources, Conversations in Cyberspace* (D'Antoni, 2009), publicada pela UNESCO, apresenta uma perspectiva histórica das origens dos Recursos Educacionais Abertos (REA), frequentemente chamados de objetos de aprendizagem ou conteúdo aberto. Segundo esse documento, "Objeto de aprendizagem" foi um termo criado por Wayne Hodgins em 1994 e é definido como um pequeno componente instrucional que pode ser reutilizado em diferentes contextos de aprendizagem. Seguindo os princípios do movimento do software livre e de código aberto (*Free and Open Source Software – FOSS*), Wiley criou o termo "conteúdo aberto" em 1998 para promover a ideia do uso de conteúdos educacionais abertos em diferentes contextos, por diferentes professores e alunos e migrando por vários contextos.

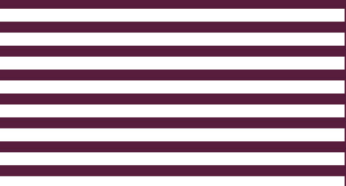
Ainda segundo D'Antoni, em 2001, duas iniciativas importantes marcaram o desenvolvimento do movimento REA: a fundação da *Creative Commons* (<<http://www.creativecommons.org>>) e o Consórcio *Open Course Ware* (<<http://www.ocwconsortium.org/>>). A primeira possibilitou, aos detentores de direitos autorais, escolherem de quais direitos desejam abrir mão, permitindo que usuários de conteúdos educacionais copiem, adaptem, traduzam e compartilhem recursos livremente. A segunda iniciativa envolveu diversas instituições de ensino em todo o mundo que se reuniram em um consórcio para fomentar o movimento REA por meio da produção de conteúdos e aconselhamento sobre políticas, promoção e pesquisa. O termo *Open Educational Resources* (OER) foi criado, inicialmente, no *Forum on the Impact of OpenCourseWare for Higher Education in Developing Countries*, evento promovido pela UNESCO no Massachusetts Institute of Technology (MIT), em 2002. A definição de REA utilizada naquele contexto é a mesma aceita pela UNESCO.

Recursos Educacionais Abertos são materiais de ensino, aprendizado e pesquisa em qualquer suporte ou mídia, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros. O uso de formatos técnicos abertos facilita o acesso e o reuso potencial dos recursos publicados digitalmente. Recursos Educacionais Abertos podem incluir cursos completos, partes de cursos, módulos, livros didáticos, artigos de pesquisa, vídeos, testes, software, e qualquer outra ferramenta, material ou técnica que possa apoiar o acesso ao conhecimento.³

Com base nessa definição, quaisquer outros materiais educacionais disponíveis gratuitamente na Internet que não tenham uma licença aberta não são considerados REA. A síntese realizada por Butcher (2011) ajuda a compreender tal distinção:

o elemento chave que distingue um REA de qualquer outro recurso educacional é a sua licença. Portanto, um REA é simplesmente um recurso educacional com uma licença que facilita o seu reuso – e, possivelmente, adaptação – sem necessidade de solicitar a permissão do detentor dos direitos autorais. (p. 34).

³ Disponível em: <<http://www.rea.net.br/site/conceito/>>. Acesso em: fev. 2015.



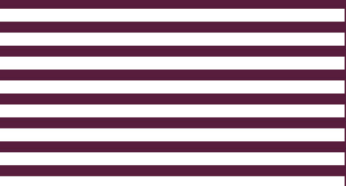
Conforme a página oficial do REA Brasil na Internet (www.rea.net.br), “os REA são materiais de ensino, aprendizado e pesquisa, fixados em qualquer suporte ou mídia, que estejam sob domínio público ou licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros”. Além desses elementos, o REA também se define a partir de quatro liberdades mínimas, conhecidas como os “4Rs” (*review, reuse, remix e redistribute* [revisar, reutilizar, remixar e redistribuir]). Trata-se de permissões concedidas aos usuários que acessam esses recursos. Cada uma delas possui um significado e propósito específico: revisar ou aprimorar (*review*) tem o sentido de adaptar e melhorar os REA; o reuso (*reuse*) compreende a liberdade de usar um material original ou outros REAs numa variedade de contextos; já a recombinação (*remix*) caracteriza combinações ou mesclas entre materiais originais e novos materiais; por fim, a redistribuição (*redistribute*) consiste em compartilhar versões originais ou adaptadas com outros usuários da Internet.

O termo original do inglês, OER, foi traduzido para o português em 2006 como Recursos Educacionais Abertos (REA) e passou a ser utilizado em diferentes contextos, principalmente nas discussões sobre ensino informal a distância. Andréia Inamorato dos Santos afirma que o termo REA foi introduzido como resultado de dois projetos financiados pela *William and Flora Hewlett Foundation*: o *MIT OpenCourseWare* (<<http://ocw.mit.edu>>), da Universidade de Massachussets, nos Estados Unidos, e o *OpenLearn* (Open University, do Reino Unido), que lançou um repositório de REA com acesso gratuito a 5% de todo o conteúdo produzido pela universidade na Internet, sob a licença Creative Commons, e com tecnologias Web 2.0.

Ainda segundo Andreia Inamorato dos Santos (2013), a maior parte das iniciativas brasileiras foi estabelecida no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), documento que determinou o plano de ação do PNE (Plano Nacional de Educação). O objetivo dessas metas era, dentre outras, a produção de recursos e o acesso a conteúdos digitais tanto para professores como para alunos no país, por meio de iniciativas de conteúdo digital aberto (por exemplo, o Portal do Professor, o Banco Internacional de Objetos Educacionais e a Rede Interativa Virtual de Educação).

De acordo com as informações que constam na página www.rea.net.br, a Comunidade REA Brasil é composta de educadores, cientistas, engenheiros, profissionais de TICs, advogados e toda e qualquer pessoa que acredita em educação aberta e recursos educacionais abertos. Sua missão, ainda segundo a página, é promover inovação em política pública de educação e na forma de pensar e garantir o acesso ao conhecimento necessário à educação de qualquer indivíduo. Os participantes dessa comunidade acreditam que os recursos educacionais abertos são a via necessária deste debate.

O projeto Brasileiro sobre Recursos Educacionais Abertos teve início em 2008, com a visita de uma delegação internacional ao Ministério da Educação e com a realização de uma série de eventos de sensibilização em São Paulo e Brasília. A partir desses eventos, neste mesmo ano, o projeto REA Brasil (projeto REA.br) foi fundado por Carolina Rossini. No Brasil, o projeto conta com o apoio do Instituto Educadigital, da UNESCO, e da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo. Internacionalmente, o projeto é financiado pela *Open Society Foundation* e possui parcerias com diversas iniciativas focadas em Recursos Educacionais Abertos.



Para divulgar seus objetivos, o REA possui livros, revistas, vídeos, reportagens, site próprio e grupos em redes sociais como Twitter e Facebook. No presente artigo, serão analisadas, especificamente, as principais representações que esse movimento produz e coloca para circular em sua página do Facebook sobre a Educação Aberta. Na perspectiva teórica aqui adotada, assumimos que tais representações atuam pedagogicamente sobre os sujeitos, ensinando-lhes diferentes lições culturais sobre o que é a educação aberta.

3 REFERENCIAL TEÓRICO: REPRESENTAÇÃO E PEDAGOGIA CULTURAL

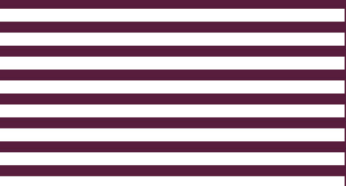
Conforme Hugh Mackay (1997, p. 261), na perspectiva dos Estudos Culturais, o que deve ser analisado quanto ao significado das tecnologias é como elas moldam a sociedade, constituindo representações e atuando na construção de nossas identidades. Nesse sentido, é produtivo refletir sobre as relações da tecnologia com a cultura na medida em que esta é capaz de atuar na produção de novas representações e de novas identidades. Mackay (1997) enfatiza que os efeitos das tecnologias não são determinados pela sua mera produção, ou seja, pelo simples fato de existir o artefato tecnológico de modo físico, mas pelo modo como elas são utilizadas e consumidas em contextos sociais concretos. É na relação entre produção, consumo e uso, portanto, que são produzidas representações e identidades associadas às tecnologias.

Nesse contexto, é necessário apresentar, mesmo que brevemente, o conceito de representação, uma das práticas centrais na produção da cultura. Para Stuart Hall (1997), a representação participa da constituição das “coisas” (as coisas em si não têm significado). Com em Derrida, Hall (1997) afirma que

o significado não é direto, nem transparente e não permanece intacto na passagem pela representação. Trata-se de um cliente escorregadio que muda e se adapta conforme o contexto, uso e circunstâncias históricas. Jamais é definido. Está sempre adiando seu encontro com a Verdade Absoluta. Está sempre sendo negociado e inflectido, para ressoar em novas situações (p. 9).

Cabe salientar ainda que, por não ser fixo, o significado é questionado e, às vezes, arduamente disputado, pois, em qualquer cultura, em uma mesma época, há sempre diferentes representações circulando. Isso significa que a produção de significados está sempre associada a “lutas de poder” e, nesse contexto, define-se, por exemplo, o que é certo ou errado, o que é bom ou mal, o que é moral ou imoral e assim por diante (WORTMANN, 1999, p. 6). Os significados regulam e organizam nossas condutas e práticas, participando do estabelecimento de regras, normas e convenções através das quais é ordenada e governada a vida social.

Diante dessa perspectiva teórica, as representações que se produzem nas mídias que surgiram a partir de tecnologias digitais também criam significados culturais associados aos contextos em que estas são utilizadas. Tais significados, muitas vezes, assumem uma dimensão pedagógica ou uma “vontade de pedagogia”, para utilizar a expressão de Marisa Vorraber Costa e Viviane Castro



Camozzato (2013), na medida em que atuam, sobre os seus receptores e usuários, no sentido de captá-los, formá-los, educá-los. No campo dos estudos culturais, a dimensão pedagógica das representações culturais tem sido abordada a partir de um conceito específico, a saber, as Pedagogias Culturais. Em outros termos, pedagogia cultural é um termo utilizado no campo que articula a Educação e os Estudos Culturais para expressar que o processo de formação do sujeito não ocorre unicamente no contexto escolar, mas também nos diversos cenários da sociedade através de artefatos que envolvem a vida social (Steinberg, 1997).

O deslocamento da pedagogia, de um espaço restrito para contextos amplos, amplia o significado do conceito de pedagogia (CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 23), tais autores afirmam que essa abordagem tem impulsionado a pedagogia a se atualizar constantemente para atender aos anseios novos da humanidade, visto que ela atua como operadora dos discursos que intentam constituir os sujeitos. Segundo as autoras,

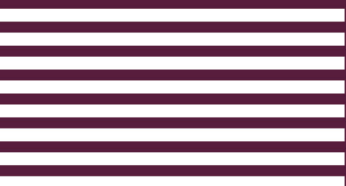
discutimos essa condição do presente, entendendo a pedagogia como um traço, uma marca da contínua vontade de investir e atuar sobre todos os aspectos e âmbitos da vida dos sujeitos contemporâneos – o que faz de cada um de nós um agente de incessante transformação e atuação com os saberes. Trata-se, assim, a nosso ver, de uma perceptível vontade de pedagogia. (2013, p. 23).

Assim sendo, é possível concluir que também as redes sociais na Internet, tais como o Facebook, possuem uma dimensão pedagógico-cultural, a partir da qual usuários são interpelados a se identificarem com certas posições de sujeito em detrimento de outras.

4 REPRESENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO ABERTA NO GRUPO REA DO FACEBOOK

Na bibliografia acadêmica sobre Educação Aberta, ela é caracterizada frequentemente como uma educação que propicia liberdade ao estudante, o qual pode optar pelo estudo em módulos ou pela autoinstrução (SANTANA; ROSSINI; PRETTO, 2012, p. 13). De acordo com Santos (2012, p. 71), não é possível precisar o início do conceito “educação aberta”, mas hoje ele é utilizado no contexto dos Recursos Educacionais Abertos (REA), trazendo consigo uma gama de novas práticas de ensino-aprendizagem que se popularizaram com o surgimento das novas tecnologias educacionais. Assim, a expressão é utilizada para designar diferentes práticas e contextos, tais como aprendizagem aberta, aprendizagem a distância ou educação a distância, recursos educacionais abertos, práticas educacionais abertas, educação inclusiva, acesso aberto, licença aberta, código aberto, *open courseware*, *e-learning* ou aprendizagem virtual, aprendizagem móvel. (SANTOS, 2012, p. 80-82).

O grupo REA no Facebook é público e disponibiliza diversos links que direcionam o usuário a eventos, fotos e arquivos sobre REA. No link “eventos”, por exemplo, encontram-se diversas atividades disponíveis. Há também um link chamado “arquivos”, onde se disponibilizam materiais como textos em pdf ou html sobre o REA, livros, cartazes, recursos de aprendizagem e convites. Por fim, também



há um link intitulado “Fotos”, com imagens e vídeos sobre o grupo no Facebook. Cabe salientar que, além dos mediadores, também os membros do grupo podem inserir arquivos, eventos, fotos e vídeos.

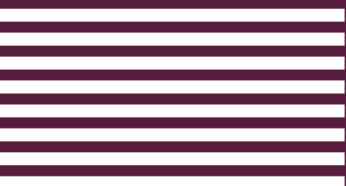
Para fins didáticos, é possível classificar as postagens encontradas no grupo a partir das seguintes categorias: 1) Postagens que fornecem informações sobre o que é o movimento REA; 2) Postagens que divulgam eventos sobre REA; 3) Postagens que fornecem informações sobre movimentos e eventos afins a REA; 4) Postagens que divulgam ferramentas para produzir REA; 5) Postagens que divulgam produtos já realizados como REA; 6) Postagens que propõem discussões e debates sobre REA.

Em analogia com os recursos educacionais abertos, frequentemente é utilizado o termo “Educação aberta” nas postagens e nos links disponibilizados. Na postagem abaixo, por exemplo, verifica-se a divulgação de uma atividade interativa para promoção da educação aberta, através do link <http://www.aredo.inf.br/movimento-rea-promove-atividade-interativa-para-incentivar-a-educacao-aberta/>, que direciona o leitor para a descrição de um evento interativo que visou responder à pergunta ‘O que é a educação aberta?’. O encontro ocorreu no “Instituto Educadigital”, que integra o movimento REA, e envolveu jovens com o propósito de gravar entrevistas, com o desafio de produzir vídeos que respondessem à pergunta: “O que é a Educação aberta para você?”. Posteriormente, os jovens deveriam editar esses vídeos e disponibilizá-los no site do instituto. O resultado desse encontro pode ser verificado, em parte, nos comentários abaixo da postagem. Nesse espaço, os jovens afirmam que adoraram a experiência e que, apesar de terem tido problemas para configurar o áudio de uma gravação, continuarão realizando a tarefa. Um membro do grupo menciona que está desenvolvendo uma matéria sobre o REA, que incluirá esses vídeos na reportagem e que os publicará no site da Secretaria Municipal de São Paulo.



Figura 1 – Atividade Interativa

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/reabrasil/>



Essas ações estão alinhadas com o conceito de “interatividade”, conforme o próprio enunciado da postagem: “movimento REA promove atividade interativa para incentivar a educação aberta”, sendo que, aqui, trata-se especificamente do tipo de interatividade possibilitada pelas tecnologias digitais. O potencial transformador da interatividade está no fato de possibilitar produzir materiais e discussões, no espaço virtual, mobilizando inúmeros sujeitos que estão distantes uns dos outros no espaço físico. Os resultados dessa interação/interatividade estão materializados nos vídeos disponibilizados no site do evento, no grupo REA do Facebook e em outros espaços relacionados. O envolvimento de diversas pessoas, inclusive sujeitos que não participaram da atividade em primeira mão e até mesmo de crianças (conforme um dos comentários), revela que o grupo REA do Facebook ensina, aos seus membros, que a educação aberta é interativa e capaz de acontecer para além das paredes de edifícios imóveis – por meio de mídias digitais.

Um discurso recorrente nas postagens sobre educação aberta gira em torno de uma utopia segundo a qual o conhecimento deve ser acessível e gratuito para todos, o que poderia se tornar realidade com a proliferação de sites e plataformas que disponibilizam informações e recursos educacionais de forma gratuita. Contudo, esse mesmo discurso também enfatiza que tal projeto está ameaçado pelo avanço do mercado sobre o ciberespaço: grande parte do conteúdo educacional presente no ciberespaço, hoje, é pago.



Figura 2 – Periódicos Fiocruz

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/reabrasil/>



A postagem acima foi compartilhada por Ana Paula Bernardo Mendonça. Ela replica uma entrevista concedida por Eloy Rodrigues – apresentado como um pioneiro do movimento do acesso aberto – ao Portal de Periódicos, onde o entrevistado aborda o “futuro do acesso aberto”. No decorrer da entrevista, Eloy Rodrigues menciona o momento de transição em que se vive atualmente: do ciberespaço fechado ou pago para um espaço aberto ou livre. Nessa discussão, indaga: “Quem vai liderar o processo: a comunidade científica e suas instituições ou a indústria da informação científica e os grandes grupos editoriais? Ou, pelo contrário, será conduzida em função dos interesses e dos pontos de vista da indústria da informação científica e dos grandes grupos editoriais, mantendo o domínio estabelecido nas últimas décadas?”

Segundo ele, os líderes nessa discussão devem ser as instituições de pesquisa, que, para além de políticas e repositórios institucionais de acesso aberto, devem também promover iniciativas de publicação ou apoio à publicação em acesso aberto, em especial, através de projetos que não usem o pagamento de taxas de publicação. O desenvolvimento de iniciativas, plataformas e serviços institucionais para a publicação de revistas e livros em acesso aberto, segundo o entrevistado, é uma das vias que tem sido crescentemente explorada em todo o mundo para criar um modelo sustentável para a publicação científica não baseada em taxas de publicação de valor elevado. Em síntese, a postagem propõe uma reflexão sobre o futuro daquilo que está disponível na Internet, tomando posição em favor de que a produção e a disponibilização de conteúdos educacionais deixem de ser regidas pelo mercado e sejam disponibilizadas não apenas de forma gratuita, mas também aberta para cópias e remixagem.

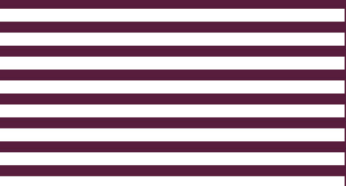
Outra representação recorrente sobre a educação aberta a caracteriza como “democrática”. Por mais que o cenário do ciberespaço esteja sendo paulatinamente dominado pelas regras do mercado corporativo, o REA propõe um movimento de resistência e luta pela democratização do acesso livre e gratuito ao conhecimento, sem barreiras ou restrições.

Na postagem ao lado, por exemplo, Bel Vargas apresenta uma plataforma de educação online gratuita, intitulada ExamTime, que tem por objetivo simplificar a aprendizagem por meio de recursos gratuitos na Internet. Em sua opinião, este meio “está



Figura 3 - Examtime

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/reabrasil/>



mudando a vida de estudantes e professores no mundo”, pois disponibiliza conteúdos gratuitos, recursos que facilitam a aprendizagem e a interação de pessoas de todos os cantos do planeta no acesso ao conhecimento. Como uma forma de exemplificar como isso ocorre, Bel Vargas convida os usuários do Facebook para uma palestra gratuita e online sobre Novas Tecnologias Educacionais. Essa palestra ocorreu no dia 21 de março de 2015.

A postagem reforça a representação da educação aberta como democrática e transformadora. Segundo Bel Vargas, a plataforma de educação online está literalmente mudando a vida das pessoas no mundo. Esta mudança, ainda segundo Vargas, fica evidenciada quando há disponibilização, na Internet, de conteúdos (livros, revistas, artigos, entre outros) que antes estavam restritos em livros trancafiados em bibliotecas e acervos particulares. Outra mudança está, segundo o autor, na aprendizagem, que também estaria se tornando mais fácil e acessível por meio de recursos disponibilizados no ciberespaço. No caso específico do evento divulgado nessa postagem, verifica-se que 62 pessoas participaram virtualmente da palestra, além dos que participaram presencialmente. A perspectiva da participação de pessoas de diversos lugares por meio do ciberespaço muda o conceito do lugar fixo (auditório ou sala de aula) para um lugar acessível através da rede.

Outra representação recorrente nas postagens é da educação aberta como transformadora não apenas da educação, mas também da própria sociedade em sentido amplo. Vários enunciados sugerem que a educação aberta tem o poder de tornar a sociedade mais livre e democrática, mais cidadã e socialmente mais desenvolvida.

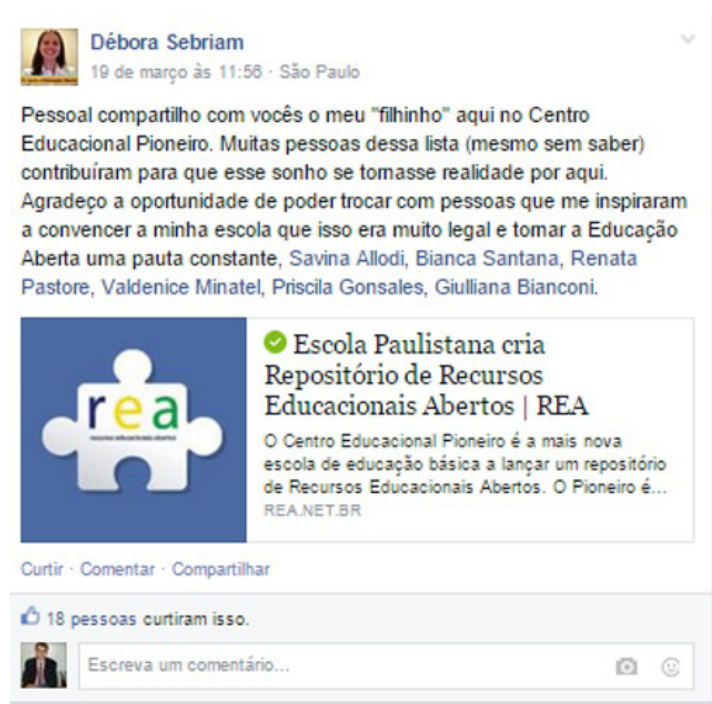
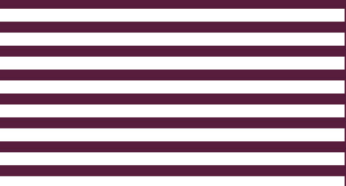


Figura 4 – Repositório

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/reabrasil/>



Na postagem acima, por exemplo, Débora Sebriam apresenta um dos frutos de seu trabalho em prol da educação aberta. Ela intitula carinhosamente como “filhinho” o que denomina de repositório de recursos educacionais abertos – REA. Seu propósito, com esse projeto, era convencer a sua escola, o Centro Educacional Pioneiro, a “tornar a Educação Aberta uma pauta constante”. Por meio do link (<http://www.rea.net.br/site/escola-paulistana-cria-repositorio-de-recursos-educacionais-abertos/>), direciona o usuário para os resultados de seu trabalho. Segundo Débora Sebriam, este colégio tem como tradição a produção de materiais pelo seu corpo docente e acredita na democratização do acesso ao conhecimento, bem como no caráter transformador da educação aberta no cenário em que atua. Desse contexto, nasceu a ideia do “pioneiro digital”, um repositório institucional para compartilhar os recursos educacionais produzidos por professores e alunos. Para manter a proposta de um recurso aberto, foi utilizada a plataforma WordPress, que é um software livre. Ele está disponível, aos usuários da Internet, por meio do site www.pioneiro.com.br/pioneirodigital. Cabe salientar que todos os materiais disponibilizados possuem uma licença aberta e estão disponíveis para uso e remixagem. A responsável pela postagem, Débora Sebriam, menciona, na própria mensagem (postagem), as pessoas que contribuíram para que este repositório ocorresse no Colégio, argumentando, assim, sobre a importância da educação aberta como transformadora daquele ambiente educacional em um espaço mais livre e democrático. Ainda segundo Sebriam, o objetivo é que esta proposta – e seus efeitos democratizantes – se irradiem também para outros contextos sociais, estimulando transformações na sociedade por meio do acesso ao conhecimento, tornando-a mais desenvolvida.

Outra representação recorrente nas postagens é que, na educação aberta mediada pelas novas tecnologias, há um apagamento das hierarquias tradicionais entre professor e aluno, as quais marcam a história escolar ao longo dos últimos séculos. A proposta que predomina é a ideia das redes, das conexões, da interatividade, que superam as paredes da escola e, conseqüentemente, suas hierarquias.



Figura 5 - Encontro de Co-criação

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/reabrasil/>

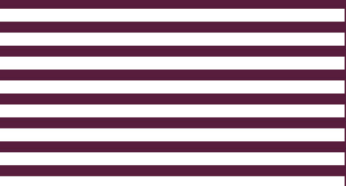
Na postagem acima, Debora Sebriam divulga um encontro presencial sobre cocriação, para discutir os desafios do movimento REA. Esse evento foi mediado pelo Instituto Educadigital, pelo Projeto REA.br, e foi utilizada uma metodologia de abordagem do Design Thinking (método através do qual todas as pessoas contribuem) para criar possíveis soluções para alguns dos principais desafios da Educação aberta por meio da causa REA. Abaixo, visualiza-se o resultado, intitulado “colheita gráfica”, do trabalho realizado:



Figura 6 - Colheita gráfica

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/reabrasil/>

Segundo a autora da reportagem, o encontro reuniu veteranos do movimento com pessoas recém-chegadas ao contexto do REA, evidenciando o nivelamento das pessoas na troca e construção do conhecimento. No link <http://ow.ly/KAFxc> #reabr #oer, o usuário da rede social é direcionado para o site www.rea.net.br, onde são relatados os principais aspectos do encontro. Verifica-se um apelo para que o leitor deixe seu comentário para possíveis soluções quanto aos desafios do REA; aos participantes presenciais, solicita-se que corrijam, adaptem e ampliem o que foi abordado. Nos próprios comentários, observa-se uma interação: além de uma pessoa parabenizar, outra sugere uma mudança quanto ao nome do “app professor aberto” para “aberto ao professor”. Percebe-se, neste contexto, um rompimento da relação hierárquica entre professor e aluno, que fica evidenciado quando os participantes se envolvem, coletivamente, na construção da “colheita gráfica”. Independentemente de serem membros antigos ou novos no grupo, experientes ou inexperientes, todas as pessoas que participaram do projeto foram instigadas a interagirem na construção do objeto proposto. Destaca-se que a maioria dos eventos realizados pelo REA em prol da Educação Aberta são virtuais, porém este foi presencial. Por outro lado, vários resultados foram lançados na Internet para que a interação e a colaboração mediada pelo computador, objetivos da educação aberta, de fato ocorresse. Não se verifica uma hierarquia entre professor e aluno, mas sim o envolvimento de todos, embora exista a figura do mediador (articulador) da proposta. Nesse novo cenário entre o presencial e o virtual,



percebe-se um borramento de fronteiras, uma mistura de contextos. No contexto escolar tradicional, o assunto tratado ficaria limitado à interatividade e à colaboração possíveis apenas dentro das paredes daquele recinto.

Outro discurso não apenas constante, mas central nas postagens sobre educação aberta é o movimento em prol da disseminação da educação aberta por meio dos REA. De fato, a ligação entre os Recursos Abertos e a própria Educação Aberta é sempre colocada como uma relação inalienável. Essa ênfase adquire frequentemente o tom de militância. Pessoas são mobilizadas a propagarem as visões deste grupo em encontros (virtuais e presenciais), em sites, redes sociais como Facebook, Youtube e Twitter. Nesse sentido, existe, inclusive, uma inserção dos REA em políticas públicas.

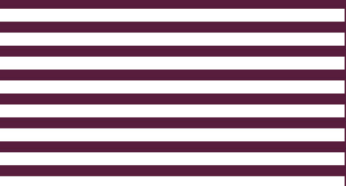


Figura 7 - Encontro em Brasília

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/reabrasil/>

Debora Sebriam, na postagem acima, menciona um encontro realizado em Brasília com políticos, cujo objetivo é realizar um seminário internacional sobre Educação Aberta e o movimento REA. A proposta foi expor que “materiais educativos financiados com dinheiro público devem ser públicos” e, com base nisso, foi proposto um evento público para discutir a importância da Educação Aberta.

De fato, nas diversas postagens ao longo do material empírico aqui analisado, a importância de atuar no âmbito de políticas públicas é muito enfatizado. Além de mobilizar os membros do grupo, o propósito



é tornar o movimento notório diante dos políticos responsáveis pela criação das novas regulamentações e direcionamentos em prol da Educação Aberta. O seguinte enunciado é especialmente significativo nesse sentido: “materiais educativos financiados com dinheiro público devem ser públicos”. Aqui está o cerne da militância do REA em prol da educação aberta: batalhar para que os materiais educativos sejam de fato públicos, gratuitos, de livre acesso e abertos para o uso de todos.

5 CONCLUSÃO

Com base na análise das postagens aqui apresentadas, é possível concluir que as principais representações da educação aberta presentes no grupo REA do Facebook a caracterizam, primeiro, como uma educação que ocorre mediada por tecnologias digitais. Na perspectiva dos sujeitos que interagem dentro desse grupo, o fato de que essa nova forma de educação ocorre a partir um ambiente digital lhe confere um poder transformador e democratizante, não apenas dos contextos escolares e educacionais, em sentido restrito, mas também da própria sociedade, em sentido mais amplo. As postagens sugerem que o uso de recursos educacionais abertos pode propiciar um apagamento das hierarquias tradicionais entre professor e aluno, que poderiam se traduzir no apagamento de outras hierarquias presentes em contextos não escolares. Por fim, existe também um discurso acentuado de militância em prol do movimento REA nas postagens, cujo objetivo é garantir a disseminação da educação aberta, livre e acessível a todos, de modo que o seu potencial transformador possa de fato ser colocado em ação.

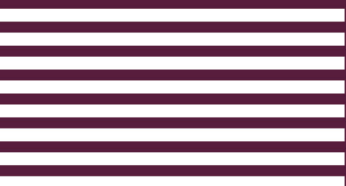
Como conclusão principal, constata-se que o grupo REA no Facebook atua como uma pedagogia cultural, pois a grande maioria das mensagens analisadas partilham o pressuposto de que o movimento REA atua como uma forma de resistência à comodificação de recursos educacionais no ciberespaço. O grupo mobiliza os usuários para que não apenas façam parte dessa resistência, mas para que também propaguem os objetivos do movimento e passem a realizar ações alinhadas com sua filosofia.

REFERÊNCIAS

AMIEL, Tel. Educação aberta: configurando ambientes, práticas e recursos educacionais. In Santana, Bianca; Rossini, Carolina; Pretto, Nelson De Luca. **Recursos educacionais abertos**. Práticas colaborativas e políticas públicas. Salvador: Casa da Cultura Digital/EDUFBA, 2012, p. 17-34.

BUTCHER, N. **A Basic Guide to Open Educational Resources**. British Columbia/Paris: COL e UNESCO, 2011. Disponível em: <<http://www.col.org/resources/publications/Pages/detail.aspx?PID=357>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**, jan./abr., p. 22-44, 2013.



D'ANTONI, S.; SAVAGE, C. (Org.). **Open Educational Resources – Conversations in Cyberspace**. Paris: UNESCO, 2009.

DECLARAÇÃO DA CIDADE DO CABO. **Declaração de Cidade do Cabo para Educação Aberta**: Abrindo a promessa de Recursos Educativos Abertos. Cape Town, 2007. Disponível em: <<http://www.capetowndeclaration.org/translations/portuguese-translation>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

DRISCOLL, Catherine; NOBLE, Greg; WATKINS, Megan. **Cultural Pedagogies and Human Conduct**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2015.

HALL, Stuart. The work of representation. IN: HALL, Stuart. **Representation**: cultural representations and signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997.

MACKAY, Hugh. **Consumption and everyday life**. London: The Open University, 1997.

SANTOS, Andreia Inamorato dos. **Recursos Educacionais Abertos no Brasil**: o estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETO, Nelson De Luca. **Recursos educacionais abertos**. Práticas colaborativas e políticas públicas. Salvador: Casa da Cultura Digital/EDUFBA, 2012, p. 71-90.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz H., AZEVEDO, José C., SANTOS, Edmilson S. (Org.) **Identidade Social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: SMED/RS, 1997.

WORTMANN, Maria L. C. Os Estudos Culturais e a educação científica. II Reunião do Fórum de coordenadores de Pós-Graduação-Sul. **Anais...** ANPED. Curitiba, 1999.